

Isabel Capeloa Gil

Discurso Dia da Universidade 2024

Por uma nova coreografia dos saberes

Sra Ministra da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, Profa Elvira Fortunato
Sua Eminência Reverendíssima, Magno Chanceler da UCP, D. Rui Valério;
Excelência Reverendíssima, D. Ivo Scapolo, Núncio Apostólico
Sr Presidente do Tribunal de Contas
Sr. Presidente Prof. Cavaco Silva,
Sr Chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas
Sr. Presidentes de Câmara,
Srs Embaixadores,
Sr Presidente do CRUP, Srs Reitores e Vice-Reitores de Universidades Portuguesas,
Sr. Comandante do IUM,
Antigos Reitores da UCP,
Srs. Vice-Reitores, srs. Pró-Reitores, senhora Administradora,
Senhores Membros do Conselho Superior,
Senhores Diretores de Faculdades, Institutos e centros de investigação,
Sra Presidente da Sociedade Científica da UCP,
Senhores Professores, caros colegas,
Srs Presidentes das Associações de Estudantes,
Caros estudantes e colaboradores da UCP,
Novos Doutores Honoris Causa,
Novos Doutores pela UCP
Benfeitores e *alumni*,
Demais autoridades religiosas, civis e militares,
Distintos convidados, caros amigos e caras amigas,

No Discurso aos Jovens Universitários reunidos na Universidade Católica, em 3 de agosto de 2023, durante a Jornada Mundial da Juventude, o Santo Padre interpelou os jovens a serem protagonistas de uma nova coreografia, que colocasse no centro a pessoa humana, a serem coreógrafos da dança da vida (EJU, 2023). Esta interpelação evangélica do Papa evoca a coreografia como figura inspiradora não só do discurso, mas também da organização social,

motivo com uma longa tradição cultural. Remontando etimologicamente a *chorós*, que designa no grego clássico uma dança de roda e *graphein*, que significa escrita, coreografia, a escrita da dança, evoca frequentemente um ato demiúrgico de criação – hinduísmo deus Shiva cria o mundo pela dança, e no Livro de Samuel, relata-se que o rei David dança perante a Arca da Aliança em louvor ao Senhor (2 Samuel 6: 14-20). Luciano afirmava mesmo que todo o gesto é pensamento e que cada pensamento é gesto. Coreografar é portanto um ato de criação, de louvor, de ordenação do mundo, se assim quisermos. Tem um desígnio estético, mas também social, político, epistemológico. No tempo de transição social e política que representou a era das revoluções, o final do século XVIII, Friedrich Schiller usou a dança e a sua coreografia como modelos de uma nova organização social. Num excerto da correspondência com Gottfried Körner que ficou conhecida como ‘Kallias ou Sobre a Beleza’ (1792-93), escreveu Schiller:

Não conheço, para o ideal do belo trato, imagem mais adequada do que uma dança inglesa bem dançada e composta por muitas e complicadas voltas. (...) Tudo está ordenado de modo a que um já tenha deixado o lugar quando chega o outro, tudo se ajusta de modo tão hábil e contudo com tão pouco artifício que cada um parece seguir apenas a sua cabeça sem porém se intrometer no caminho do outro. É o mais justo símbolo da própria liberdade afirmada e da liberdade alheia respeitada. (trad. Cadete, 2017: 82)

As voltas elaboradas da dança inglesa, que os corpos em movimento desempenham em total liberdade, apresentam-se como figuras da própria complexidade do social. Há mais de 200 anos, Schiller concebia a dança como paradigma de um contrato social, que se manifestava na afirmação constante da liberdade própria e no respeito simultâneo da liberdade alheia. Na verdade, a coreografia da vida a que o Papa impele os jovens é um apelo ao que hoje se designa por ‘empoderamento’, a que não se resignem, como muitas vezes repetiu. Um apelo à ação livre e responsável, respeitando a liberdade dos outros.

Para a universidade, o apelo coreográfico manifesta-se a diversos níveis: desde logo na modelação de um sistema científico em que instituições de natureza e missão distinta interagem em liberdade, criando assim novo conhecimento e capacitando a sociedade. Mas também no seio próprio da universidade, a relação poliédrica dos saberes estrutura-se de modo coreográfico. Pensar a universidade e os saberes que cultiva segundo um modelo coreográfico decorre de uma conceção de ciência que não se afirma pela contínua separação e especialização, tal como postulado pela ciência moderna, mas como todo orgânico. Significa pensar que os enormes problemas da humanidade exigem respostas consistentes e integradoras, para as quais concorrem uma miríade de disciplinas e práticas e também um conjunto de instituições (universidades, centros de estudos), que criam valor ao afirmarem a sua diversidade. A coreografia sugere uma proposta de interação, de movimento, que não exclui a autonomia e a

liberdade. Afinal, são corpos livres os que são impelidos à dança e que, sem perder a autonomia, vão criando novas figurações.

O desígnio coreográfico é particularmente interessante para definir a ação da UCP. Fundada, como todas as universidades católicas, a partir ‘do coração da Igreja’, como se lê na Constituição Apostólica *Ex Corde Ecclesiae*, o documento da Santa Sé (de 1990) que estrutura a criação e organização das universidades católicas, a universidade católica “é uma comunidade acadêmica que, dum modo rigoroso e crítico, contribui para a defesa e desenvolvimento da dignidade humana e para a herança cultural mediante a investigação, o ensino e os diversos serviços prestados às comunidades locais, nacionais e internacionais. Ela goza da autonomia institucional que é necessária para cumprir as suas funções com eficácia, e garante aos seus membros a liberdade acadêmica na salvaguarda dos direitos do indivíduo e da comunidade no âmbito das exigências da verdade e do bem comum” (EE,12). Como princípios fundadores da Universidade Católica estão portanto a autonomia, a liberdade, o rigor, o espírito crítico, a colaboração com a sociedade e a intervenção no país e no mundo.

No ano em que Portugal celebra o 50º aniversário da democracia, urge lembrar que este desígnio - o de criar uma Universidade Católica em Portugal - nunca foi consensual. O combate pela autonomia da universidade esteve sempre presente na nossa história, nada foi fácil, mas a resignação também não faz parte da nossa narrativa. A criação de uma Universidade Católica em Portugal foi olhada com enorme desconfiança pelo Estado corporativo. Embora reconhecesse a necessidade de retomar em Portugal a formação teológica, Salazar era absolutamente contrário ao alargamento da universidade a outras áreas formativas, afirmando que não via vantagem em permitir a existência de uma universidade livre fora do modelo da educação nacional controlada pelo Estado. Franco Nogueira, biógrafo de Salazar, relata um Conselho de Ministros em 1954, em que o Presidente do Conselho apresenta as maiores dúvidas relativamente às vantagens para Portugal na criação de uma Universidade Católica (Nogueira, 1980:340). Perguntava-se por isso: “Que deve o Governo fazer? A atitude poderá ser ‘no máximo deixar fazer’, mas não apoiar.” E mesmo deixar fazer era ‘perigoso’ devido ao espírito livre e ao internacionalismo da Igreja, que contrariava os interesses do Estado português (VI, 1985:325). Além do mais, a universidade católica podia abrir a porta à “invasão incontrolada de professores estrangeiros,” (IV, 1980:339), o que era altamente danoso e podia levar a uma deformação intelectual e profissional. Todavia, a Católica não foi criada para se resignar à menoridade que lhe desejaram impor.

Com o estabelecimento da democracia, a universidade afirmar-se-ia como referência de qualidade e estabilidade na formação académica. Não hesitava em inovar, abrir novas formações, como o primeiro curso de Gestão, a primeira Escola de Biotecnologia, a primeira Licenciatura

em Línguas Estrangeiras Aplicadas, a primeira licenciatura em Direito a Norte de Coimbra e muito muito mais. Urge recordar este caminho, porque foi justamente em democracia que o Estado lhe deu um estatuto comparável às universidades estatais, reconhecendo esta universidade de ensino concordatário como instituição livre, autónoma e de utilidade pública e exigindo-lhe o mesmo que às nossas congéneres estatais. No artigo 5º do Dec-lei 128/90 consubstancia o seu reconhecimento pelo Estado, determina-se o seguinte: ‘A Universidade Católica Portuguesa, como decorre dos seus Estatutos e tradição universitária, procurará atingir os mais elevados níveis académicos, científicos e pedagógicos, **nunca podendo seguir princípios menos exigentes do que os que regem as universidades estatais, no tocante à qualidade do ensino ministrado, recrutamento de corpo docente e investigador, serviços médico-sociais universitários e ação social escolar.**’ Leia-se portanto: o reconhecimento da UCP dá-lhe missão, exigência e desígnio semelhante às nossas congéneres das universidades do Estado, mas, depois de 2000, sem qualquer financiamento do Estado. Ora, os sistemas complexos têm tendência a adaptar-se e a retomar equilíbrios e é isso que a Católica tem feito ao longo dos seus nobres 57 anos de existência. Sempre em coexistência e colaboração harmoniosa com as outras universidades portuguesas e certamente com o Estado.

Todavia, há alterações inesperadas nos sistemas, de consequências não antecipadas. Não posso deixar de salientar alterações inusitadas na ordenação do nosso sistema que em consciência nos causam uma enorme preocupação. Refiro-me, por exemplo, à exclusão da Universidade Católica da candidatura a pacotes de financiamento de desenvolvimento de infraestruturas científicas, promovidas pelas CCRDs no âmbito do Portugal 2030, à não inclusão da UCP no pacote de financiamento compensatório para contratação de investigadores ao abrigo do programa FCT - Tenure, que abrange as outras universidades do CRUP, à indefinição no modelo de apoio às alianças de universidades europeias, em que participamos.

Sempre cumprimos, com lealdade, dignificando Portugal, o Estado português, e a sociedade civil que em nós confia. Em investigação, ensino, inovação, prestamos serviço público não estatal. Na ciência, é justo competir, concorrer e colaborar com regras idênticas. 50 anos depois de abril, é justo esperar mais do que ‘deixar acontecer’.

E pur si muove, dizia Galileu. A Católica move-se com espírito inconformista, que nunca se resigna. Como Ortega y Gasset sabemos que “quem não quiser ser mais, nunca será ninguém.” No sistema coreográfico do ensino superior português, movemo-nos em harmonia com outras universidades, no CRUP, em múltiplas alianças e parcerias internacionais de I&D, das quais destaco a Aliança de Universidades Europeia Transform4Europe, mas também a rede de excelência Europaeum, que congrega 19 universidades europeias de referência, liderada pela

Univ. Oxford, e a Strategic Alliance of Catholic Research Universities, de que fomos fundadores (saúdo Vice-Reitora da Puc Santiago do Chile e past provost da ACU, Pauline Nugent). Movemo-nos com autonomia, em liberdade, e respeitando a liberdade dos outros, não porque nos motive a auto-preservação, mas porque a nossa missão é justamente a de formar empreendedores de sonhos, que não se resignam com o foi sempre assim.

Neste dia da Universidade Católica, agradeço por isso aos professores e investigadores que diariamente criam valor com valores. E também aos estudantes e às famílias que escolhem livremente a Católica. Nos últimos 10 anos, a UCP cresceu 34% no número de alunos e planeia crescer outro tanto com a construção do novo projeto de expansão Campus Veritati, ao mesmo tempo que apoia o desenvolvimento infraestrutural nos outros *campi*. Em matéria de ciência, 2023 continuou a demonstrar a competitividade da nossa investigação. Recordo que entre 2018 e 2023, o número de projetos financiados multiplicou por 10 e o financiamento captado teve um crescimento de 53%. O crescimento decorreu sobretudo da competitividade das equipas em projetos europeus e de um reforço da já profunda relação com o tecido empresarial em projetos de co-promoção. Do universo de projetos em curso quero salientar a nova parceria entre o CBQF e a multinacional INSA, através da empresa Biorbis, que tem por missão o contributo para tornar o país um hub na produção de biomoléculas, e o mais recente projeto do laboratório de Maria João Amorim do CBR, num consórcio com o ITQB e o IMM, que foi o único projeto com coordenação nacional aprovado no Cluster Saúde da última ronda dos projetos Horizon Europe e destinado à criação de uma plataforma versátil para o desenvolvimento de biofármacos antivirais. No campo da formação avançada, a UCP em 2023 acreditou 6 novos doutoramentos, 4 em Economia e Gestão, 1 em Ciências Médicas e o novo programa doutoral interdisciplinar em Ecologia Integral e bem assim a nova Licenciatura em Liberal Sciences. Quero aqui saudar as extraordinárias equipas de investigadores da UCP pelo trabalho realizado em 2023. Se a ciência é determinante para o avanço das sociedades, devemos ter consciência de que ela é humana - ainda é - feita por pessoas para melhorar a condição de outras pessoas e do planeta.

Na atividade do ano que passou, é importante salientar as iniciativas de intervenção social como os programas de voluntariado da CASUS, (todas as unidades da UCP se envolveram em iniciativas de voluntariado em 2023, Make a Wish, FCH), as iniciativas de campus sustentável, o novo programa de educação-ação em S. Tomé em que participa a Faculdade de Ciências da Saúde, ou ainda os programas comunitários dos centros de investigação. Cito a título meramente representativo, o programa LIT UP do CBR, destinado aos alunos das escolas secundárias de Oeiras e que inclui iniciativas como "CIENTISTA POR UM DIA" ou "PROFISSIONAL DE

SAÚDE POR UM DIA, **I am STEAM,** " e **A stands for Arts** , que consiste em *workshops* de arte + ciência para alunos do 10º ao 12º ano.

Enquanto organização humana, a universidade tem uma responsabilidade social elementar: alargar o acesso e dar aos jovens os instrumentos para poderem ser coreógrafos da sua vida. Em 2023 a UCP atribuiu 2705 bolsas e distribuiu mais de 5M de euros em apoio social e bolsas de mérito. Quero agradecer aos muitos beneméritos – muitos *alumni* - que apoiam a causa da UCP e com o seu gesto permitem dar futuro às gerações seguintes. Num tempo de guerra, como o que vivemos, importa salientar o papel importante do Fundo Papa Francisco no apoio a estudantes em situação de fragilidade social, deslocados de guerra, migrantes e refugiados. Apoiámos já cerca de 50 estudantes e está neste momento em curso uma campanha de reforço do Fundo. Permito-me apelar a todos os que o possam fazer, para doarem para este fundo, de modo a que neste Dia da Universidade Católica possamos dar futuro a quem perdeu a esperança.

Coreografar significa portanto invocar a harmonia e promovê-la. Significa entender que as questões estruturantes para que a humanidade e o planeta tenham futuro não se fazem em monocultura científica, mas que se desenvolvem de forma ecológica e em modelo integral.

A Universidade Católica contribui para a formação de protagonistas de uma nova coreografia de saberes cada vez que junta a medicina com a ética, com a literatura e com a tecnologia, a teologia com a física, a economia com a psicologia, as ciências da comunicação com a filosofia e a ciência política, a arte com a biologia, o direito com a robótica. Num mundo desafiante, mas pleno de fascínio, a universidade é uma nova coreógrafa do saber, inspirando ao impulso de movimento em prol de um futuro de realização para todos.

É justamente este princípio que justifica a outorga dos graus Honoris Causa ao artista Rui Chafes e à economista Helen Alford. Nos termos dos Estatutos da UCP, o grau de Doutor Honoris Causa é atribuído aos que tenham contribuído de modo eminente para o progresso da Humanidade através do cultivo das ciências e para o esplendor das artes e letras. Em 2023, o Conselho Superior da Universidade Católica determinou atribuir pela primeira vez o título a um artista: Rui Chafes. Um dos mais distintos e reconhecidos artistas portugueses, Rui Chafes é uma personalidade singular do panorama artístico, um pensador do metal, um artesão do transcendente que toda a arte também é. As suas esculturas revelam um domínio técnico que eleva o metal a uma linguagem poética. Chafes parece dar vida ao inerte, conferindo a cada obra uma aura de vitalidade, que permite transmitir mensagens profundas e complexas através de formas tridimensionais. Prémio Pessoa, reconhecido globalmente, mais recentemente com uma retrospectiva em Serralves e na Fundação Calouste Gulbenkian, Rui Chafes pensa a arte, diria,

como regeneração da potencialidade do humano. O seu trabalho transcende o âmbito estético, revelando uma profunda dimensão ética que ressoa com as grandes questões da humanidade. Nas suas esculturas, encontramos uma reflexão sobre as matérias fundamentais da existência, da fragilidade humana à busca por significado na vida. Num dos seus livros de ensaios *o Silêncio de...*, que é simultaneamente um projeto artístico, Rui Chafes refere justamente essa pulsão de comunicar que é sempre um gesto de esperança e de confiança na humanidade: “Acredito que a arte pode falar às forças humanas, acordar os seus sonhos, os seus medos e os seus demónios, descrevendo a vida interior, não a exterior; pode também regenerar o espírito e repor a dignidade do ser humano no meio da catástrofe, da violência e da destruição. [...]” (Chafes, 2006,23)

É noutro combate que a obra da Irmã Helen Alford, atual Presidente da Pontifícia Academia de Ciências Sociais da Santa Sé se empenha. Sister Helen Alford, a distinguished economist and the President of the Holy See’s Pontifical Academy of Social Sciences embodies a remarkable fusion of faith, intellect, and a profound commitment to the betterment of humanity. She embodies hope as well, and recognition for the religious and lay women working for the Church. As an economist, Sister Helen Alford has delved into the complexities of economic systems with a keen awareness of the moral dimensions intertwined within them. Her research and teachings have consistently advocated for an inclusive and just economic order, emphasizing the importance of human dignity, social justice, and environmental sustainability. Sister Helen's scholarship reflects a deep understanding of the inherent ethical responsibilities that come with economic decisions. In her role as the President of the Pontifical Academy of Social Sciences, Sister Helen has provided invaluable leadership in fostering dialogue between science, ethics, and faith. Her efforts to bridge the gap between these seemingly disparate realms have contributed to a more holistic and integrated approach to addressing pressing global challenges. Sister Helen Alford's significance extends beyond her academic contributions. In honoring Sister Helen Alford, we celebrate not only an accomplished economist but also an exemplary leader, a beacon for religious and lay women working in the Church. She exemplifies the transformative potential of integrating faith and reason in service to humanity. Her work inspires us to envision and strive for a more just and compassionate world, where economic systems are guided by ethical principles and human flourishing takes precedence over mere material gain. It is a privilege to have you, dear Sister Helen, join Catolica’s Doctoral recipients.

Concluo, dando os parabéns aos 73 novos Doutores, que constituem uma nova esperança para Portugal. Faço votos para que nunca deixem de se sentir irrequietos e insatisfeitos. O futuro depende disso. Os meus agradecimentos por uma vida de trabalho dedicado à UCP aos colaboradores dos quatro campi da nossa instituição, que hoje recebem as

suas medalhas de 25 e 40 anos de serviço e que com o seu labor diariamente honram a missão da nossa universidade. Que no ano da celebração do 50º aniversário da democracia, todos celebremos a liberdade de ser Católica.

Muito obrigada.